

MEDIDAS E COMPASSOS PARA MOÇAS: O DISCURSO SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1920)

Lúcia de Rezende JAYME*

A modernidade republicana foi marcada, sobretudo, junto às nascentes e ousadas tecnologias, por novos hábitos e valores. Festejados ou injuriados, os costumes modernos eram experimentados e vividos tanto pelos homens quanto, em gradativa expressão, pelas mulheres. Dessa forma, no regime republicano, o público tomou forma também no ensino, houve maior abertura dos espaços escolares às meninas e moças. Tanto nos grupos escolares, com o aumento do número de escolas mistas, além do gradual índice equiparável entre pequenos e pequenas matriculados; quanto nos ginásios, com a paulatina figuração das raparigas nas classes predominantemente formadas por moços. Ao passo que a rua estava cada vez mais legada a terreno impróprio para crianças, símbolo de correria, selvageria, as brincadeiras, indício de vadiagem infantil; a escola seria o espaço de purificação de tais terríveis hábitos, era local de internação para disciplina e ordem, contenção de gestos e emoções. Neste raciocínio, as instituições de ensino seriam naturalmente cômodas para as meninas, já acostumadas à reclusão, ao adestramento da personalidade. O comportamento dócil e afável herdado da rígida educação familiar, era admirado por professores e diretores. O objetivo deste trabalho é analisar os sentidos da educação feminina durante o regime republicano, período este de relevante participação das mulheres e reinvenção do feminino na moda, nas ruas, em revistas e jornais, na economia, ou mesmo nos lares. Concernente à metodologia, seguimos os aportes historiográficos da História Cultural por permitir um melhor entendimento de transformações cotidianas, sociais e culturais, e, nesta nova dinâmica, a possibilidade de análise dos papéis e modelo de mulher almejados pelo ensino da época. As fontes utilizadas nesta pesquisa foram publicações da época, programas de ensino, atas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto e, também, imagens. Assim, encontramos um discurso educacional que prezava pela educação feminina, com a mesma feição preocupante pelos estragos que os incivilizados

* Graduada em História- Licenciatura Plena pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CEUBM). Atualmente cursa Especialização em Língua Portuguesa e Estudos Literários, Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), participa como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, UNESP/ Campus de Araraquara e desenvolve pesquisas na área de historiografia da educação brasileira.

poderiam acarretar para o país, posto que era necessário educar a mulher para que não se corresse o risco desta perverter a família, cuidar para que não se repetisse o erro da provação do fruto proibido, pois, além de influenciar seus maridos, seriam as mães as primeiras a serem adoradas pelos filhos; observamos que as tarefas atribuídas às meninas, moças e vividas eram atreladas a atividades consideradas dons peculiares femininos por serem relacionadas a afazeres domésticos, aprendidos com as mães e avós, sempre com um argumento um tanto quanto sólido: conquistar um marido; para além da sedução do homem e para as moças pobres, a instrução era promessa de certa estabilidade financeira, pois aumentava a possibilidade de ingresso em um mercado de trabalho moderno que prezava por método e técnicas mesmo nas prendas femininas. Concluímos, desse modo, que embora as mulheres encontrassem nos bancos escolares oportunidades para projeção social e ocupação de cargos profissionais, a escola não apenas ensinava exemplos considerados corretos de comportamento feminino, como completava sua função discriminante ao ditar qualidades que uma mulher deveria possuir para ser aceita como conjugue e mãe venerável, pois submissa e consciente de seu lugar, no tolhido espaço do lar, apesar das avenidas, passeios e economia do Brasil moderno.

BIBLIOGRAFIA